

Planejar com crédito caro

ROOSEVELT FAGUNDES

Director de Estrutura e Capital

Com a elevação das taxas básicas de juros, o crédito está escasso. Os empresários enfrentam mais dificuldade para tomar crédito em bancos. Ao elevar a Selic para 11,75% ao ano, o maior patamar desde 2011, o Comitê de Política Monetária (Copom) deu carta branca para que os bancos repassem novo aumento, na forma de juros ainda maiores. Nesse momento, deve-se ficar atento às melhores oportunidades de captação para amenizar os gastos. Com certeza, 2015 será um momento de ajustes na economia e que afetarão o mercado. Muitas contas serão reajustadas, incluindo os preços dos combustíveis, da energia elétrica e também dos transportes, sendo que todos esses ajustes deverão ser acima da inflação e influenciando, diretamente, o bolso dos empresários e também dos consumidores.

Será preciso utilizar os recursos com muito critério e economia. Alta de juros inibe a capacidade produtiva de um modo geral. Um juro mais elevado influencia as decisões de compra e de investimentos da população. Provoca-se uma reversão das expectativas positivas, estimulando os consumidores a adiarem suas decisões de consumo e empresários a postergarem decisões de investimentos. A redução do consumo leva ao adiamento e, até mesmo, à suspensão de investimentos por parte das empresas, estimulando o crescimento da economia informal, com uma consequente queda na arrecadação de tributos. Em função desse cenário e indicadores econômicos, as perspectivas são de que ainda tenhamos, em 2015, uma economia fraca. Sem contar que os juros continuarão altos e com tendência de ainda subirem mais ao longo do ano. Em 2014, as pessoas ficaram mais endividadas e a economia esfriou. Ficou mais difícil aumentar as receitas, sustentando a rentabilidade, preservando o caixa e mantendo a liquidez. É hora de enxugar estoques para poder liberar capital de giro. O empresário deve verificar a taxa de giro do estoque e aumentar a circulação de seus produtos ou serviços. O momento é de gerar capital e realizar promoções. É importante também obter reduções de custos imediatos, sem submeter a empresa à inanição e procurar no mercado por outros fornecedores que possam substituir os atuais, a um preço menor, sem perder a qualidade. Vale negociar prazos e descontos com os fornecedores para diminuir a pressão nos custos com a aquisição de matérias-primas e serviços. Outro ponto é focar em treinamento para a equipe, promovendo cursos de curta duração, tornando os empregados mais produtivos. Pode-se, por exemplo, ensinar novas técnicas de vendas ao pessoal da área comercial, promover palestras de atualização para técnicos de TI e capacitar os operários da linha de produção.

O momento é mesmo de reduzir custos, enxugar estoques e investir em capacitação dos colaboradores para que os resultados negativos da economia não se reflitam no empreendimento. É fundamental definir com clareza a necessidade de crédito do negócio na busca por melhores linhas de financiamentos para que a captação seja feita conscientemente, visando ao crescimento. Estar ciente do cenário econômico e planejar os investimentos mais vantajosos garantem o sucesso do negócio.

É hora de enxugar estoques e cortar gastos

Acupuntura urbana

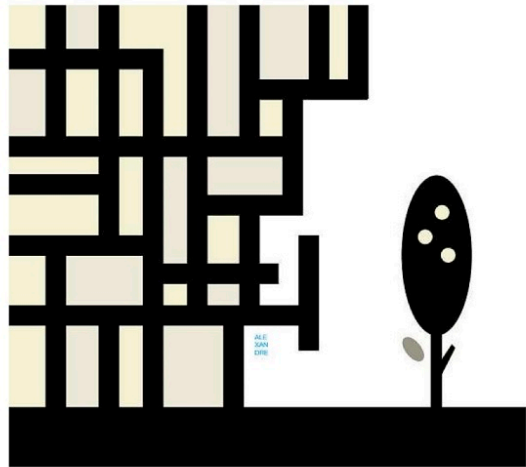
FABIOLA CARVALHO

Arquiteta e urbanista do CSU Desenvolvimento Urbano

Assim como o corpo humano, uma cidade também apresenta uma importante característica que a torna mutável e adaptável às necessidades das pessoas ao longo do tempo: a organicidade. Podemos comparar a dinâmica de um centro urbano às funções exercidas pelos diferentes sistemas que compõem um indivíduo. E, se formos mais a fundo nessa analogia, nos é permitido afirmar que, assim como as pessoas, as cidades também apresentam "fraquezas" e estão suscetíveis a "doenças" que, se não tratadas, podem comprometer o funcionamento do todo. É por isso que, há alguns anos, diversos arquitetos, urbanistas e estudiosos da área do mundo inteiro trabalham com um conceito que propõe modificar a relação entre o ser humano e o espaço que ele ocupa, refletindo em melhorias para toda a cidade: a acupuntura urbana.

Criado pelo arquiteto e teórico social francês Marco Casagrande, o termo faz parte de uma teoria que combina o desenho urbano e a milenar terapia chinesa. O grande pensamento por trás da ideia é: da mesma forma como a acupuntura estimula pontos específicos do corpo que se irradiam para o resto do organismo, nas cidades também é possível realizar pequenas intervenções que são sentidas em toda a tessitura urbana. Essas ações pontuais, embora pequenas, podem promover impactos significativos na cidade e contribuem para resolver questões que vão muito além da mobilidade urbana ou acessibilidade – fatores importantes para o bom funcionamento da cidade – mas contemplam, também, pilares como sustentabilidade e sociodiversidade.

Existem alguns exemplos no Brasil que servem para ilustrar a aplicabilidade do conceito de acupuntura urbana, como a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo, que refletiu em toda a área do Parque da Luz, dando vitalidade ao local, e a revitalização do Pelourinho, em Salvador, que incluiu a instalação de bares, lojas, pequenos comércios, escolas e a recuperação de fachadas e prédios, atraindo um maior movimento de pessoas e gerando mais vitalidade ao Centro Histórico. Em Belo Horizonte, podemos considerar como principal modelo de acupuntura urbana o Complexo da



Assim como as pessoas, as cidades também apresentam fraquezas e estão suscetíveis a doenças que precisam ser tratadas

O conjunto de ações pontuais e de revitalização, que podem mudar progressivamente a dinâmica de áreas urbanas degradadas e/ou abandonadas, também é uma estratégia para regiões que ainda serão desenvolvidas. Nesse caso, a intervenção ou acupuntura urbana funciona como um catalisador da ocupação e apropriação do espaço. O resultado a médio e a longo prazo é a consolidação da ocupação e a apropriação dessas regiões por parte da população, que passa a conferir diferentes usos a esses locais, entendendo-os como parte importante do conjunto da cidade.

Há uma tendência geral em analisar os problemas dos centros urbanos com certo pessimismo, pois ainda persiste a ideia de que a única maneira de resolvê-los é realizando obras grandiosas e projetos megalomaniacos. No entanto, a acupuntura urbana mostra que com pequenas "agulhadas" nos lugares certos, é possível irradiar uma nova vitalidade para todo o conjunto e promover melhorias gradativas nesse corpo humano que é a cidade.

Pampulha, que foi projetado, inicialmente, para ser apenas um ponto de retenção de água, mas, devido ao seu conjunto arquitetônico, acabou se convertendo em um símbolo da capital mineira, famoso em todo o mundo.

Apesar de tudo, feliz 2015!

FABIO P. DOLTE

Da Academia Mineira de Letras, jornalista

Uma família morreu esmagada no seu Mitsubishi, supostamente muito seguro. Uma moçinha linda perdeu uma perna esmagada pelo carro de outra moçinha, esta bêbada. De quem é a culpa? O tema talvez não seja agradável, mas é sem dúvida apropriado para a época. Transito, violência no trânsito, morte no trânsito, morte nas estradas, abuso de motoristas irresponsáveis nas estradas, nas avenidas, nas ruas, tudo isso mais acentuado, e mais doloroso, na comemoração do fim de ano, do Natal, do réveillon, que deveria ser de festa, mas para muitos é de dor, de luto.

Uma família inteira morreu na batida de um poderoso e supostamente superseguro Mitsubishi contra uma árvore, na BR-040, pouco adiante do Jardim Canadá. Iam, pai, mãe e filhos, certamente comemorar o Natal no Rio, ou em uma das belíssimas praias do litoral fluminense. A viagem terminou a 30 quilômetros de Belo Horizonte. Todos morreram. De quem é a culpa?

São vários os que poderiam ser responsáveis pela tragédia. O motorista, por dirigir em alta velocidade. Mas ele estava mesmo em alta velocidade? O governo federal, por não cuidar das estradas administradas pelos órgãos competentes, ou incompetentes, Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Polícia Rodoviária Federal, e outros. Aquela rodovia, naquele trecho especialmente, até Conselheiro Lafaiete, até Juiz de Fora, talvez mais além ainda, é coadunada de buracos, de crateras. Quando chove, e na noite do desastre chovia muito, os buracos, as crateras ficam cheios de água, o leito da estrada se transforma em uma sucessão de pequenas e perigosas lagoas que engolem carros, que der-

rapam, que saem da pista, que batem nos que estão na frente, ou em árvores insensatamente plantadas, ou deixadas crescer, no meio das pistas.

O motorista poderia ter excedido os limites prudentes da velocidade em estrada esburacada e em noite escura e de chuva. Mas onde estavam os que são encarregados de fiscalizar o trânsito nas rodovias, de controlar os que ultrapassam os limites permitidos, de punir os que abusam da potência de suas máquinas milionárias, colocando em risco suas próprias vidas, a dos que os acompanham no veículo, e a dos que transitam na mesma via ou estejam nas suas margens.

É não se deve esquecer a parcela de culpa positiva dos fabricantes dos veículos, supostamente superseguros. O Mitsubishi da família morta bateu de frente, depois de derrapar na estrada molhada e esburacada, em uma árvore que cresceu no espaço que separa as pistas de mão e contramão. Numa batida de frente numa árvore, ninguém no veículo escapou ou viveu, apesar dos elogiados airbags. Afinal, para que servem eles? A Mitsubishi deveria ser chamada para dar uma explicação técnica do que pode ter acontecido.

Na madrugada do dia 25, dia de Natal, dia de festa, pouco antes das 6 da manhã, outra tragédia ocorreu. Não deixou mortos, mas deixou uma moçinha linda e alegre, sem uma das pernas. Ela se preparava para viajar com o noivo para Búzios, uma praia da moda. Colocava sua bagagem no porta-malas do carro do noivo, diante do prédio de apartamentos onde moram seus pais. Um outro carro dirigido por outra moça, esta constadamente embriagada, funcionária de um bar, ou boate, enfim, uma casa onde sempre se bebe muito e depois os bêbados saem dirigindo em alta velocidade seus carros, suas motos, sem nenhum policial para fazer cumprir a tal de "lei seca", desvia a Avenida Raja Gabaglia. Na

curva que antecede o prédio da família da moçinha que colocava sua bagagem no porta-malas, a moçinha bêbada perdeu o controle da direção de seu carro, atravessou a pista e foi bater exatamente na traseira do carro da moçinha linda e alegre, que se preparava para passar férias em Búzios. Com a perna esmagada pelo outro carro, ela foi levada para o hospital. Os médicos não tiveram alternativa, chorando eles próprios, e os enfermeiros que participam da cirurgia, e toda a família, o noivo e os amigos da moçinha linda e alegre, a não ser amputar a perna esmagada.

De quem a culpa, a responsabilidade pela tragédia? A que dirigia embriagada chorava muito, e com razão. Mas por que dirigiu depois de beber, mesmo que bebendo no seu próprio ambiente de trabalho, onde todos bebem muito e sem dirigirem seus carros e suas motos para esmagar pernas inocentes? A culpa maior é da nossa polícia, a estadual, que não cumpre seu trabalho de impedir, como manda a lei, que embriagados dirijam veículos automotores. Aliás, neste nosso subdesenvolvido país de corruptos, de governos que permitem e que financiam atos de corrupção, lei é apenas um texto nos diários oficiais, que poucos leem e que poucos insistem em cumprir ou fazer cumprir o que seus artigos e parágrafos determinam.

Enfim, o que fazer? Apenas desejar um feliz 2015, sem tantas mortes violentas nas estradas e fora delas, com governos federal, estaduais e municipais mais atentos e atuantes no cumprimento de seus deveres básicos para com a população, com a proibição, seguindo o que faz o mundo civilizado, do tráfego de carruagens e carrinhos nas estradas e nas cidades nos feriados e fins de semana, dias em que as famílias saem para descansar do caos urbano. Um desejo difícil de se tornar realidade. Repito, apesar de tudo: feliz 2015!

S/A ESTADO DE MINAS
FUNDADO EM 7 DE MARÇO DE 1928

DIÁRIOS ASSOCIADOS
A vida com mais conteúdo

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SUCURSAL SÃO PAULO
Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 372/766 - 661610
Mary Horiyoshi Speers - 7º andar - Bairro Jardim - São Paulo - SP
CEP: 04033-000 - Fone: (11) 3372-0022 • e-mail: sucursal.sp@diarios.com.br • www.diarios.com.br

SUCURSAL RIO DE JANEIRO
Bairro Centro, 889 - 1º andar - Sala 24 - Sade
Tel: (21) 2263-1945 • Fax: (21) 2263-2045
e-mail: sucursal.rio@diarios.com.br

TELEFONES DE APOIO

Redação
(31) 3263-5380

Editorial
(31) 3263-5244

Política
(31) 3263-5293

Economia e Agropecuária
(31) 3263-5103

Notas
(31) 3263-5370

Internacional
(31) 3263-5301

Opinião
(31) 3263-5373

Cultura - TV - Pensar e Diálogo
(31) 3263-5126

Fotografia
(31) 3263-5214

Turismo
(31) 3263-5333

Informática
(31) 3263-5360

Humor
(31) 3263-5078

Bem Viver, Guri e Notícias e Opiniões
(31) 3263-5048

Feminismo & Masculino
(31) 3263-5260

WhatsApp: (31) 8502-4023

SERVICO DE ENTREGA DO ASSINANTE
Belo Horizonte (31) 3263-5400
Outras Localidades 0800 031 5005

DISTRIBUIDOR DE ASSINATURAS INTERIOR
0800 283 5062

SERVICO DE ENTREGA À VENDA AVULSA
Capital e Contagem - (31) 3263 5830
Interior de Minas Gerais - 0800 - 283 - 5062
Telerec - Circulação: (31) 3263 5961

DEPARTAMENTO DE COBRANÇA
(71) 3663-9421

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(31) 3263-5501 e (31) 3263-5224

AGÊNCIAS
O ESTADO DE MINAS trabalha com as seguintes agências de notícias:
Agência Estado, Agência O Globo, Agência Folha, France-Press e Reuters.

ASSINE ANUNCIE

Belo Horizonte
(31) 3263 5800

Outras Localidades
0800 031 5005

Publicidade
(31) 3263-5501/5197

Classificados
(Pequenos Anúncios Foneados)
(31) 3228-2000

TABELA DE PREÇOS

Localidade	2ª edição	Suplemento
MS, RJ, Recife	2,00	1,00
Brasília, São Paulo	1,50	0,50
Outras cidades	0,50	0,50

D.A. PRESS MULTIMÍDIA
D.A. PRESS

ATENÇÃO: PARA PESQUISA E VENDA DE CONTÊIDOR
Por e-mail e telefone: de segunda a sexta, das 9h às 20h;
sábados, das 14h às 20h (domingo e feriado, das 10h às 20h).
Redação: (31) 3263-5375 / 5362 / 5508 / 0800 647 73 77.
Fax: (31) 3263-1955.

E-mail: assine@diarios.com.br
Site: www.diarios.com.br